



Sweet Smell of Success

um filme de Alexander Mackendrick

com Burt Lancaster, Tony Curtis, Susan Harrison, Martin Milner

Argumento de Clifford Odets e Ernest Lehman
(adaptado da novela "Tell me About it Tomorrow" de Ernest Lehman)
Fotografia: James Wong Howe | Música: Elmer Bernstein
e participação especial do Quinteto de Chico Hamilton

Mentira Maldita | EUA, 1957 | 1h36min | P&B | M/12

Cópia Digital Restaurada | Legendado em português

Sidney Falco (Tony Curtis), um agente de imprensa em decadência financeira e moral, tem tido dificuldade em ver os seus clientes mencionados na influente coluna de jornal de J.J. Hunsecker (interpretado por Burt Lancaster e baseado no famoso colunista social Walter Winchell) por ter falhado com a sua promessa de arruinar a relação que a irmã de Hunsecker mantém com um músico de jazz. Tido por muitos como o filme simultaneamente mais perspicaz e mais cínico dos anos cinquenta, *Sweet Smell of Success* foi escrito pelo famoso argumentista Ernest Lehman e pelo célebre dramaturgo de esquerda Clifford Odets. Trata-se de uma análise sórdida do meio das relações públicas e do jornalismo, que invoca um mundo de crescente histeria e desilusão mordaz.

I am tasting my favorite new perfume - success! - Sidney Falco

«Mackendrick acabou por ser outra das razões do sucesso de *Sweet Smell of Success*, com uma realização tão ágil e nervosa como o próprio diálogo, com a câmara praticamente "colada" aos personagens, apenas os deixando para nos mostrar, através dos seus olhos, as noites hécticas, febris, agitadas pelos sons dos Quinteto de Chico Hamilton, e iluminadas pelos néons, de Manhattan, em planos de conjunto sobre a Broadway ou em contra-plongées tiradas ao nível do chão na melhor tradição do cinema "negro" (neste caso, a sequência final em que Falco é encurralado pela polícia e seveiciado, é uma das mais sugestivas do cinema de então). Mas esta atmosfera duma viscosidade quase palpável não teria sido possível, em termos cinematográficos, sem o trabalho do genial James Wong Howe, o mestre do preto e branco tão hábil a captar esses climas em exteriores (...) parece antecipar o que fizeram Decae e Coutard nos primeiros filmes da "nouvelle vague". É essa atmosfera, e o ritmo implacável do diálogo, sem qualquer repouso entre as réplicas, que transformaram o filme de Mackendrick em objecto de culto, sendo um dos filmes favoritos de Pauline Kael e de Martin Scorsese. A admiração deste realizador está patente num filme como *Taxi Driver*.»

Manuel Cintra Ferreira, in *Folhas de Sala da Cinemateca*

«Clifford Odets foi um dramaturgo com alguma importância na história do teatro americano, mas como guionista era extremamente teatral. Tenho que admitir que achei que os seus diálogos tinham uma elevada carga de maneirismos, eram muito artificiais, nada realistas. (...) Creio que Clifford sentiu que eu estava preocupado em relação ao problema do estilo e explicou-me "Os meus diálogos podem parecer demasiado escritos, com muitas palavras, e muito arquitetados. Não deixes que isso te preocupe. Vais perceber que funciona se não te preocupares demasiado com os próprios diálogos. Representa as acções e não as palavras. E representa-as rápido." Para mim, isto foi uma lição extraordinária. De facto, reforçou a minha compreensão dos diálogos no cinema: as palavras faladas são muitas vezes mais eficazes se os actores não se concentrarem tanto nas palavras e no seu significado literal, mas sim nas acções que lhes estão subjacentes, nas intenções e motivações reais das personagens. Um diálogo que parece implausível no papel pode ser muito convincente e eficaz se for dito de um modo descontraído e superveniente pelo actor.

Ernie Lehman e eu tornámo-nos amigos quando tínhamos contratos com a Hecht-Hill-Lancaster. Eu tinha estado a preparar um projecto que fora cancelado devido a problemas de casting, e o Ernie tinha sido escolhido não só para escrever o *Sweet Smell of Success* mas também para o realizar. No entanto, ele começou a duvidar em relação à escolha de *Sweet Smell of Success* para se estreiar na realização e decidiu que era mais seguro se continuasse como escritor-produtor. E convidou-me para realizar o filme.

(...)

[A primeira versão do guião] era só conversa, com pouca atenção em relação aos lugares físicos e atmosfera visual.



Apesar dessa opção ser necessária para grande parte do enredo, a minha primeira reacção foi: podemos pelo menos tentar deslocá-lo para as ruas.

(...)

Na primeira reunião sobre o guião que tive com Odets e com o produtor, Jim Hill, apresentei-lhes algumas das ideias que tinha discutido com o Ernest Lehman. Tive a ideia de começar o filme com uma sequência que me pareceu que ia definir a atmosfera do filme: a actividade frenética à volta do momento em que a primeira edição de um grande jornal da *big city* chega às ruas. (...) Também sugeri que podíamos apresentar visualmente a profissão de Sidney (a personagem de Tony Curtis) se rodássemos uma cena, não na sua casa, mas no seu escritório, e os décors e as dinâmicas secundárias mostrariam como é que um agente de imprensa vive. Talvez, disse, Sidney pudesse ter uma cama junto ao seu escritório, algo que indicaria que estava ligado à coluna do jornal e o nível de dependência do seu trabalho.

(...)

Apesar de muitas vezes me manifestar ansioso em relação aos diálogos de Odets, sentia uma enorme admiração pela sua capacidade de construir cenas. A sua capacidade de imaginação numa espécie de carpintaria dramática era extraordinária e algo com o qual todos podemos aprender.»

Alexander Mackendrick, in *On Film-Making*



«Herbert R. Mayes, editor da *Cosmopolitan*, comprou com imenso entusiasmo a minha primeira obra de ficção *The Sweet Smell of Success*, mas recusava-se a publicar um título com a palavra “smell”. A novela foi publicada em 1952 com o título *Tell me About it Tomorrow*. Foi uma sensação na Broadway: eu tivera a ousadia de desafiar um colunista poderoso e temível [Walter Winchell] (...) Temi e esperei a retaliação do colunista, mas ela nunca chegou. No entanto, nenhum estúdio de Hollywood se atreveria a aproximar-se da minha novela e transformá-la num filme. (...) Depois, em meados dos anos 50, os [produtores] independentes Hecht-Hill-Lancaster ganharam muitos óscares, inclusive o de Melhor Filme, com *Marty* [de Delbert Mann, 1955] Impressionado, ganhei-lhes um enorme e novo respeito que superou todos os meus medos. Assinaram-se contratos, o trabalho começou, imensas versões do argumento foram arrancadas da minha máquina de escrever, e fui para Nova Iorque seleccionar locais para as rodagens.

Quando regresssei à California, a United Artists convocou-me para a minha estreia na realização. (...) comecei a sentir uma dor de barriga (sem me aperceber o quão sortudo me tornaria mais tarde com a realização de Alexander Mackendrick). Chegou o dia em que Burt Lancaster me disse que eu tinha de ir a Nova Iorque reescrever algumas partes do argumento [de *The Kentuckian*] enquanto eles estavam a filmar. “Primeiro tenho que ir ver o meu médico”, disse eu, “para descobrir que dor de barriga é esta”. Sedaram-me durante a noite num hospital (...) e depois o médico disse: “(...) Não vais voltar ao filme. Não vais fazer nenhum filme. Vais embora, para fora do país.”

(...)

Clifford Odets, de forma brilhante, reescreveu algumas partes, Tony Curtis presenteou-nos com a performance de uma vida, e hoje, quarenta anos depois, entusiasma-me o reflexo da glória do trabalho de tantos mais os que tornaram *Sweet Smell of Success* num filme histórico.»

Ernest Lehman, in *On the Writing of Sweet Smell of Success*